

Indústria

Gravataí espera fabricação de carros elétricos na General Motors

Complexo industrial no município é a maior referência do setor automotivo no RS

Eduardo Torres

A maior referência do setor automotivo do Rio Grande do Sul está em Gravataí. A cidade recebeu há duas décadas, um investimento que revolucionou a economia local. Anunciado em 1997, o Complexo Industrial Automotivo de Gravataí (Ciag), inaugurado em 2000 com a fábrica da General Motors (GM) no centro da produção, tem hoje outras 13 empresas sistematizadas.

Naquele ano, o PIB de Gravataí era de R\$ 1,5 bilhão, e representava a 12ª maior economia do Rio Grande do Sul. Passados 20 anos, em 2020, o PIB passou a R\$ 10,6 bilhões, sete vezes

mais, colocando Gravataí como 4ª maior economia do Rio Grande do Sul, com um VAB Industrial de R\$ 3,7 bilhões (seis vezes maior do que em 2000). Há dúvidas no futuro da indústria automobilística nacional, uma oportunidade que Gravataí quer aproveitar.

“Em 10 anos, a produção da GM deverá ser de carros elétricos. A nossa espera é que a montadora faça essa transição em Gravataí, pela modernidade dessa planta industrial. Temos sido muito parceiros da empresa para que ela mantenha a sua produção aqui, mesmo com desigualdades fiscais predatórias no Nordeste, por exemplo”, explica o prefeito Luiz Zaffalon.

No começo deste ano, a produção de um Onix marcou a fabricação de 4,5 milhões de carros em 23 anos de operação em Gravataí, no entanto, o cenário



Instalada em 2000, montadora de carros da General Motors revolucionou a economia de Gravataí

é de incertezas em todo o setor automobilístico brasileiro.

“A GM responde por 45% da nossa arrecadação. Ao longo dos anos, temos aprendido caminhos para driblar a ‘GM dependência’. Um deles é proporcionar condições para outros setores produtivos, como os investimentos em inovação e a estruturação de um novo loteamento industrial, inclusive, em uma área que é do município

dentro do complexo da GM, para pequenas e médias empresas. Outro caminho é gastar menos do que se arrecada”, diz o prefeito de Gravataí.

A planta na Região Metropolitana ainda é considerada uma das mais modernas no mundo, tendo aportado R\$ 1,4 bilhão no último ciclo de investimentos no Estado, entre 2017 e 2019. Desde então, houve o período de pandemia e o enfraquecimento

das vendas de automóveis.

Durante este ano, por exemplo, o complexo, com 5 mil operários, parou de produzir duas vezes. Desde o começo do ano passado, o município já perdeu R\$ 50 milhões em arrecadação pelo fator GM. Entre as 20 maiores economias do Estado, Gravataí foi a que teve maior percentual de queda no rateio do retorno de ICMS neste ano, de 23,8%.

Aços especiais serão feitos para a indústria automobilística

Se ainda não há certeza de que a produção de carros elétricos acontecerá em Gravataí, na região Centro-Sul do Estado, a Usina Charqueadas, da Gerdau, é a prioridade no plano de investimentos de R\$ 250 milhões da empresa no Rio Grande do Sul neste ano, justamente em um projeto de modernização da produção de aços especiais para a indústria automobilística.

De acordo com o CEO da

Gerdau, Gustavo Werneck, a fábrica produzirá aços especiais, mais limpos e resistentes, adequados à fabricação de carros, ônibus e caminhões híbridos e elétricos. São produzidas 450 mil toneladas de aços especiais na unidade de Charqueadas da Gerdau. A produção responde por quase 80% de toda a arrecadação de ICMS industrial do município.

A gigante do setor siderúrgico foi mais uma indústria que

surgiu na Zona Norte de Porto Alegre do começo do século XX e migrou para as cidades próximas. Primeiro, na siderúrgica Riograndense, em Sapucaia do Sul, e desde 1992, assumindo a até então estatal, chamada de Piratini, em Charqueadas. São as duas unidades produtivas da Gerdau no Estado. Da fábrica de pregos em 1901, a multinacional fechou 2022 com receita líquida recorde de R\$ 82,4 bilhões.



Usina em Charqueadas recebe maior parte do investimento de R\$ 250 milhões da Gerdau no RS em 2023

Polo metalúrgico tem empresas importantes em São Leopoldo

O desenvolvimento das indústrias metalúrgicas e de maquinário também chegou ao Vale do Sinos. Foi lá que, em 1973, a partir de um galpão no centro da cidade, a Stihl iniciou a sua produção no Brasil e hoje, 50 anos depois, é consolidada como uma exportadora de tecnologia desenvolvida em São Leopoldo.

A empresa fechou o ano passado com R\$ 3,2 bilhões de faturamento e um aumento de 45% nas suas exportações entre 2020 e 2022.

Ao lado da fabricante de armamentos Taurus, a produtora de peças, ferramentas e máquinas respondeu por 80% das exportações do município do Vale do Sinos entre janeiro e outubro deste ano. São Leopoldo é o 11º município no volume

de vendas ao exterior no Rio Grande do Sul.

Um índice que se consolidou especialmente nos últimos anos, quando a Taurus, que já havia migrado parcialmente a sua produção de Porto Alegre para São Leopoldo na década de 1970, transferiu toda a sua planta industrial para o distrito em que está instalada, em 2015.

Somadas, as duas empresas investiram mais de R\$ 400 milhões até o ano passado em ampliações nas suas plantas industriais e na produção. Não à toa, São Leopoldo tem o quarto maior PIB entre as regiões retratadas neste Mapa Econômico e firma-se entre as 10 maiores economias do Estado, tendo trocado de posição com a vizinha Novo Hamburgo a partir de 2018.